



Estudantes posando, frente à velha Academia, no "Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo — 1862-1887".

# A velha cidade e seu primeiro fotógrafo

ERNANI SILVA BRUNO

A reedição, por iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura, do "Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo — 1862-1887", de Militão Augusto de Azevedo — o primeiro fotógrafo a registrar feições de bairros, ruas e casas da capital paulista — vem sem dúvida enriquecer a bibliografia e a divulgação do acervo iconográfico paulistano.

Trata-se de álbum que se tornara raríssimo, embora suas fotografias venham sendo fartamente reproduzidas em livros, ensaios, teses, revistas e jornais. Impunha-se, no entanto, sua reedição segundo o plano original, porque ele permite constatar as substanciais transformações urbanas de São Paulo ao longo de 25 anos, na segunda metade do século passado. Valoriza-se, de outra parte, a atual publicação, com textos — de autoria de Benedito Lima de Toledo, Carlos Lemos e Boris Kossoy — esmiuçando a figura de Militão e suas atividades e as feições da cidade nas duas épocas.

Kossoy, reportando-se ao fato de que Militão de Azevedo atuou nas duas áreas características da fotografia no século passado — o "portrait" e a paisagem — refere-se, em seu estudo, aos processos utilizados pelo fotógrafo e acrescenta contribuições valiosas à biografia desse homem quase que apenas conhecido por suas agora mais que centenárias "chapas" de vidro.

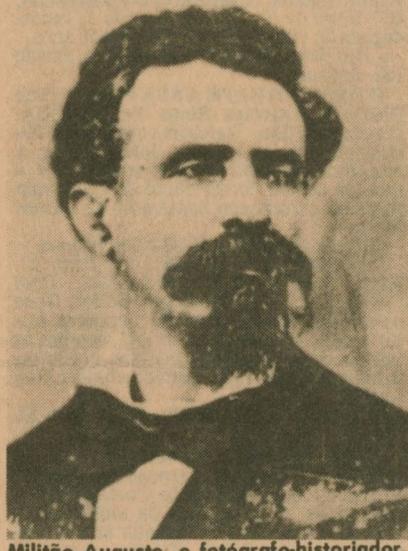
Toledo explica e reconstitui com minúcias o roteiro trilhado pelo fotógrafo para realizar seu trabalho, ressaltando o valor documental que resulta do fato de haver Militão registrado, no espaço de um quarto de século, os mesmos locais, mostrando assim sua clara preocupação de fixar os traços e os contornos da evolução urbana.

Lemos, abordando "a arquitetura que Militão fotografou em São Paulo", põe em evidência que suas fotos de 1887 revelam, em pleno processamento, a transformação da "cidade de taipa" em "cidade de tijolos", sugerindo que provavelmente o sentimento que levou Militão a fotografar a cidade pela segunda vez prendia-se à vaidade dos paulistanos da época pelo rápido progresso que o café imprimira ao seu burgo.

As fotos de 1862 mostram ruas de



Uma vista da "cidade de taipa", registrada em 1862 pelo fotógrafo.



Militão Augusto, o fotógrafo-historiador.

pavimentação precária, sujeitas à poeira e à lama, com árvores só de dentro de quintais transbordando de muros laterais ou espiando por cima dos telhados. Sem a presença de vultos femininos. Frequentadas por graves senhores de sobrecasaca e de bengala e por meninos de chapéu-coco. Trafegadas por carros de bois e alguns tilburis. Cidade onde se falava pouco em dinheiro, como testemunhara pouco antes o visitante Fletcher. E onde se pode imaginar que à noite imperava o silêncio, interrompido às vezes pelo coaxar dos

sapos, vozes de estudantes no exercício boêmio da serenata, batidas de atabaque de algum esconso ajuntamento de cativos — no tempo em que Paulo Eiró começava a botar em versos e em uma peça teatral sua revolta contra a escravidão.

As estampas de 1887 revelam a cidade sem a uniformidade dos traços pobres mas harmoniosos de sua arquitetura, sedimentados por uma longa tradição. Cidade em que as marcas do futuro já se insinuavam através da substituição de velhos beirais por platibandas e pela intromissão, entre os atarracados casarões de taipa, de alguns leves chalés com seus lambrequins. Mas cidade já com alguns largos arborizados, casas de banho, vitrinas nas lojas do Triângulo, quiosques com bandeirolas, anúncios coloridos, lâmpões de gás, bondes de burro, trilhos de estrada de ferro e... onde já se falava muito em dinheiro.

A publicação agora editada ilustra com nitidez as mudanças urbanas de São Paulo na segunda metade do século passado e sugere as fundas transformações que haviam começado a ocorrer no teor da existência de seus moradores. Ao mesmo tempo, torna menos lendária a figura de seu primeiro fotógrafo, esse Militão Augusto de Azevedo que antes fora ator de teatro e a quem Afonso A. de Freitas — o autor de "Tradições e Reminiscências Paulistas" — chamou, com toda a precisão, de fotógrafo-historiador.